

O limite como objeto de reestruturação da cidade

O espaço público como potencializador de ambientes urbanos resilientes |

Bairro da Quarentena, Beirute



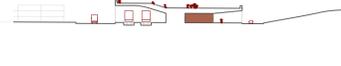
Corte Terminal de Passageiros - esc. 1:1500

No redesenho da infraestrutura portuária procura-se re pensar o limite da linha de costa entre o porto e a cidade. Esta barreira urbana transforma-se numa peça que conecta duas cotas e que contém sistemas públicos/privados de forma a re pensar a infraestrutura limite como infraestrutura de ligação. Numa cidade com várias fraturas e desconexões urbanas, surge a proposta do limite à paisagem, onde são consideradas como peças para a intervenção o antigo rio de Beirute, o remate costeiro da Quarentena e a via de circulação rápida Charles Helou.



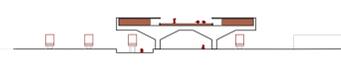
Corte Apeadeiro - esc. 1:1500

O apeadeiro que transforma o limite à este da Quarentena, usufrui do declive natural entre o limite do bairro e o porto, de modo a projetar uma área de parque urbano à cota da cidade que desenha o limite do traçado urbano enquanto na cota inferior desenha-se a extremidade da linha ferroviária do comboio de contentores.



Corte Terminal de mercadorias - esc. 1:1500

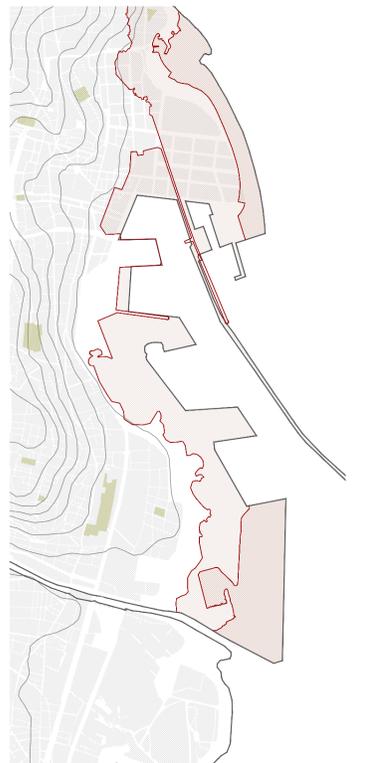
Na antiga linha costeira da Quarentena à oeste, desenha-se uma peça que procura rematar o limite e evidenciá-lo nos pontos em que essa distinção se torna menos precisa. A peça é constituída por um simples muro que gera programas igualmente distribuídos pela malha urbana e pela rede portuária.



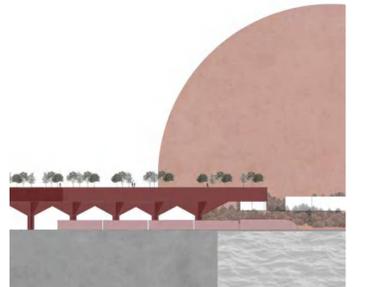
Corte Estação Ferroviária - esc. 1:1500

No redesenho da infraestrutura portuária procura-se re pensar o limite da linha de costa entre o porto e a cidade. Esta barreira urbana transforma-se numa peça que conecta duas cotas e que contém sistemas públicos/privados de forma a re pensar a infraestrutura limite como infraestrutura de ligação. Numa cidade com várias fraturas e desconexões urbanas, surge a proposta do limite à paisagem, onde são consideradas como peças para a intervenção o antigo rio de Beirute, o remate costeiro da Quarentena e a via de circulação rápida Charles Helou.

Para uma melhor compreensão e resposta ao lugar, intervindo sobre o limite da infraestrutura portuária, procede-se à análise do lugar em três momentos, nomeadamente, o antigo rio de Beirute, o remate acentuado no atual bairro da Quarentena e a via de circulação rápida Charles Helou. O rio compreendido entre Beirute a este e Monte Líbano a oeste corresponde, então, ao momento onde o corredor rodoviário se faz sentir como uma verdadeira barreira e interrupção da malha urbana. A partir da segunda metade do século XX, o histórico rio da cidade foi encanado devido ao elevado risco de cheias, dando lugar à infraestrutura limitrofe que se apropriou deste troço desde então. No entanto, esta virá a revelar-se um elemento de exceção na cidade e promover o debate sobre novos meios de mobilidade. O segundo momento corresponde ao limite difuso compreendido entre Quarentena a sul e a área industrial do porto a norte reflete a falta de planeamento urbano que foi agravado com a construção do aterro no limite da antiga linha costeira. Enquanto, o corredor rodoviário constituído pela Charles Helou separa a infraestrutura portuária a norte do traçado urbano a sul. Este eixo de comunicação promove a ligação entre Beirute à Trípoli e preserva uma das últimas memórias do sistema de transportes público organizado, o antigo terminal de autocarros que se apresenta como uma garagem abandonada. Coloca-se a hipótese, com a presente investigação, de promover o debate sobre mobilidade e espaços na cidade capazes de transformar limites urbanos em ligações.



Planta Interior do Terminal - esc. 1:650



No redesenho da infraestrutura portuária procura-se re pensar o limite da linha de costa entre o porto e a cidade. Esta barreira urbana transforma-se numa peça que conecta duas cotas e que contém sistemas públicos/privados de forma a re pensar a infraestrutura limite como infraestrutura de ligação. Numa cidade com várias fraturas e desconexões urbanas, surge a proposta do limite à paisagem, onde são consideradas como peças para a intervenção o antigo rio de Beirute, o remate costeiro da Quarentena e a via de circulação rápida Charles Helou.



Na antiga paisagem ribeirinha propõe-se desenhar entre os seus limites uma nova estrutura ferroviária de forma a introduzir um novo propósito no elemento estático. Reviver a memória do movimento fluvial e o antigo movimento da linha ferroviária como principal meio de transporte de mercadoria no Líbano é o ponto de partida para a intervenção entre os limites do rio. Na difusa margem da Quarentena, remata-se o limite de forma a evidenciá-lo nos momentos em que essa distinção se torna menos precisa. Enquanto o corredor rodoviário da Charles Helou devolve a circulação pedonal naquele que foi considerado como um dos maiores fragmentos urbanos da metrópole. Entre as margens da Quarentena à este e da Charles Helou à oeste, a estrutura é habitada pontualmente com espaços programáticos que visam responder as necessidades portuárias e, simultaneamente, as cidadinas.

O limite como objeto de reestruturação da cidade

O espaço público como potencializador de ambientes urbanos resilientes |

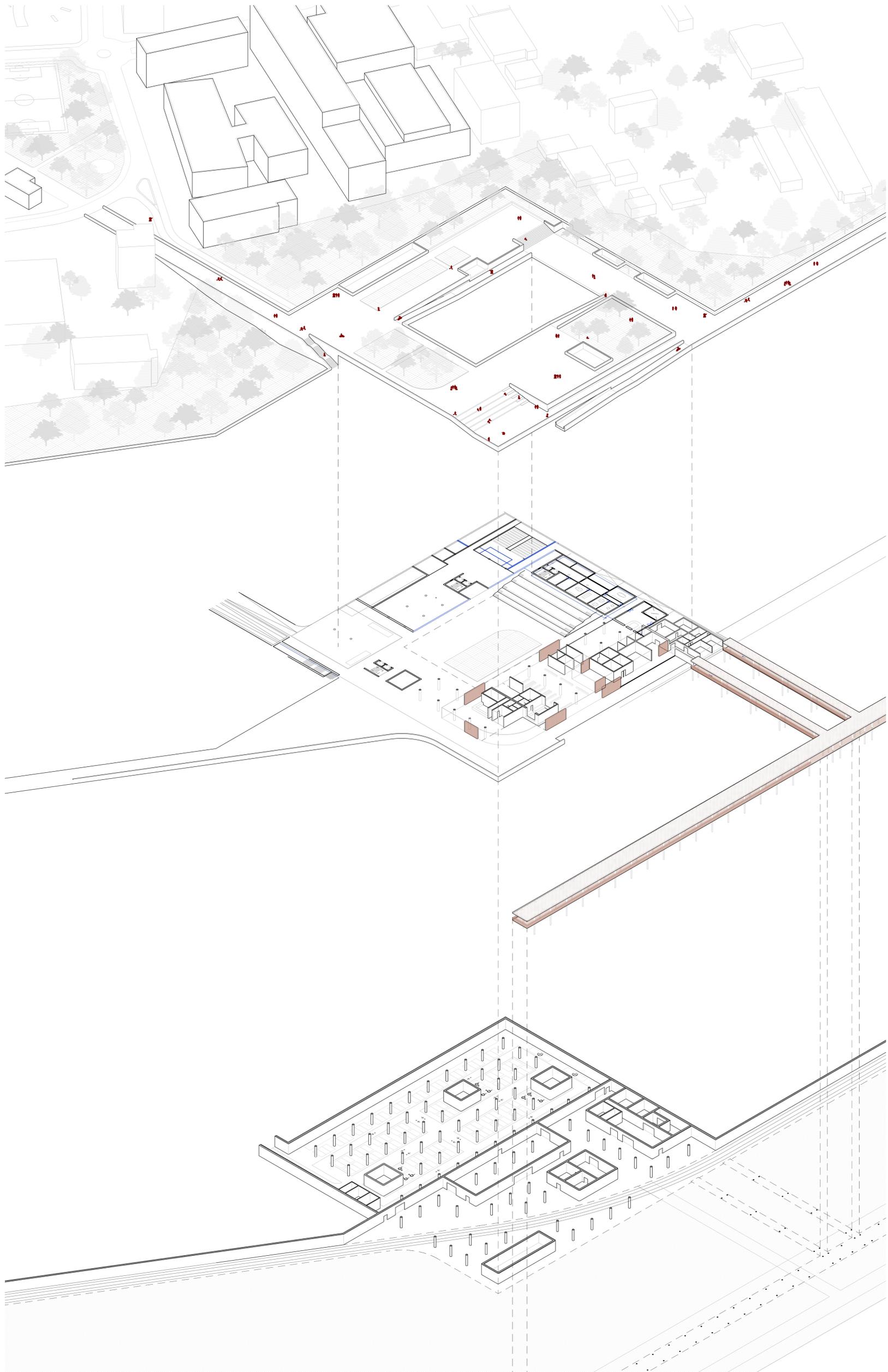
Bairro da Quarentena, Beirute



O limite como objeto de reestruturação da cidade

O espaço público como potencializador de ambientes urbanos resilientes |

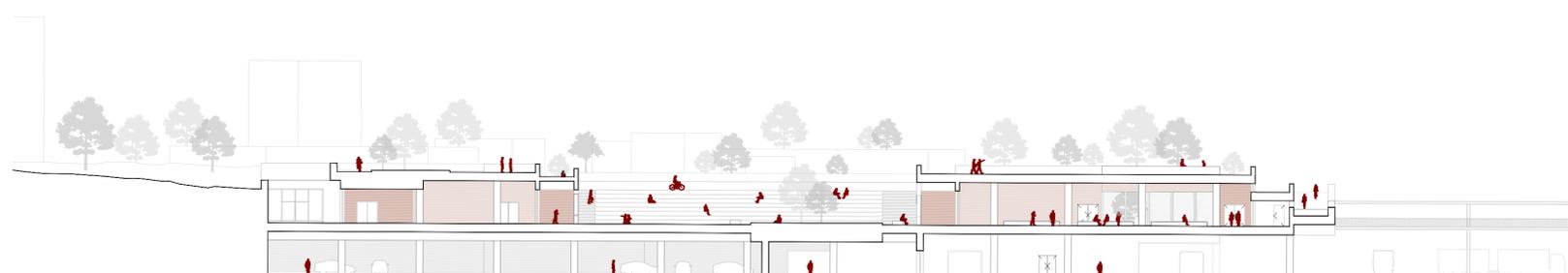
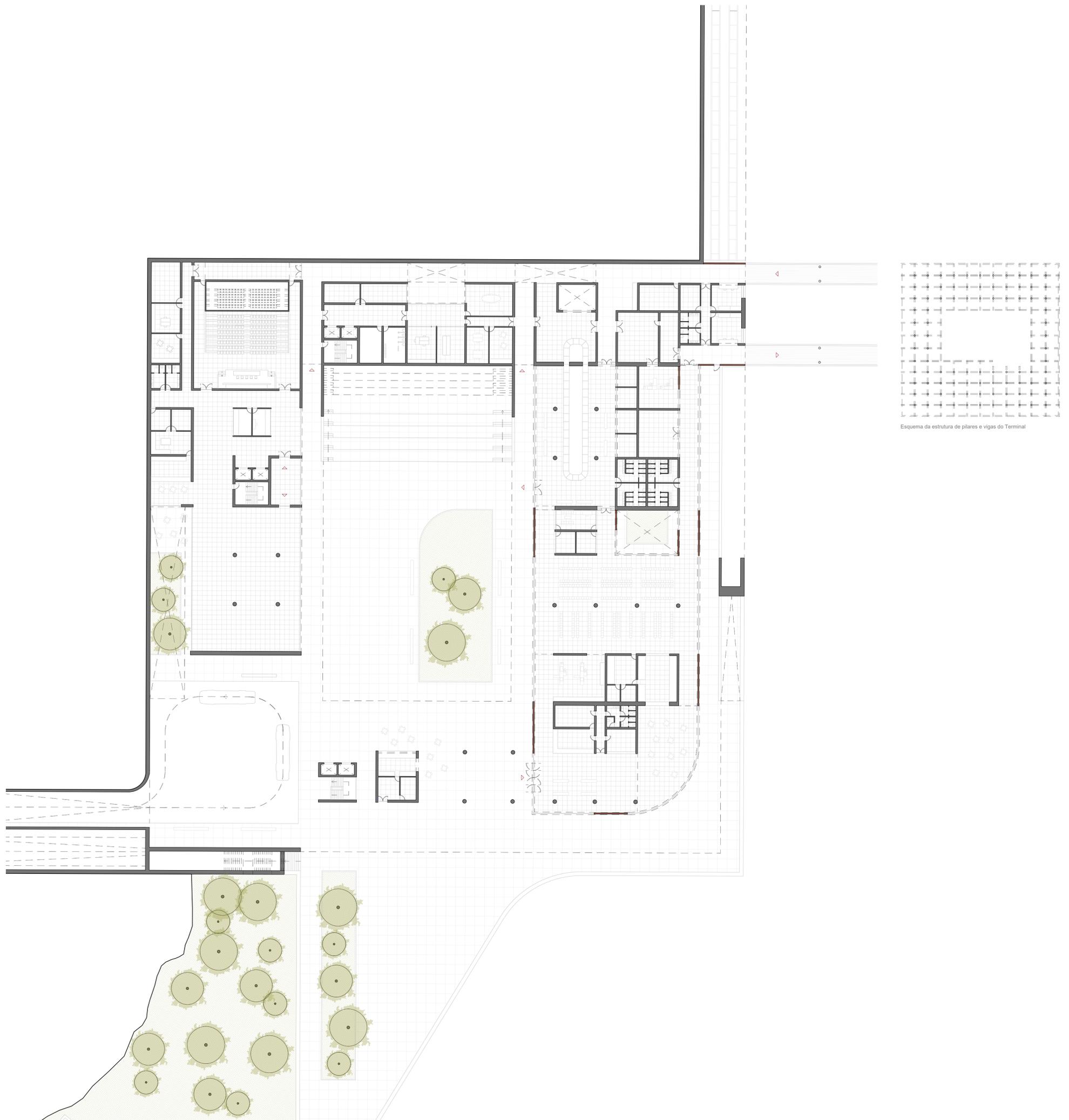
Bairro da Quarentena, Beirute



O limite como objeto de reestruturação da cidade

O espaço público como potencializador de ambientes urbanos resilientes |

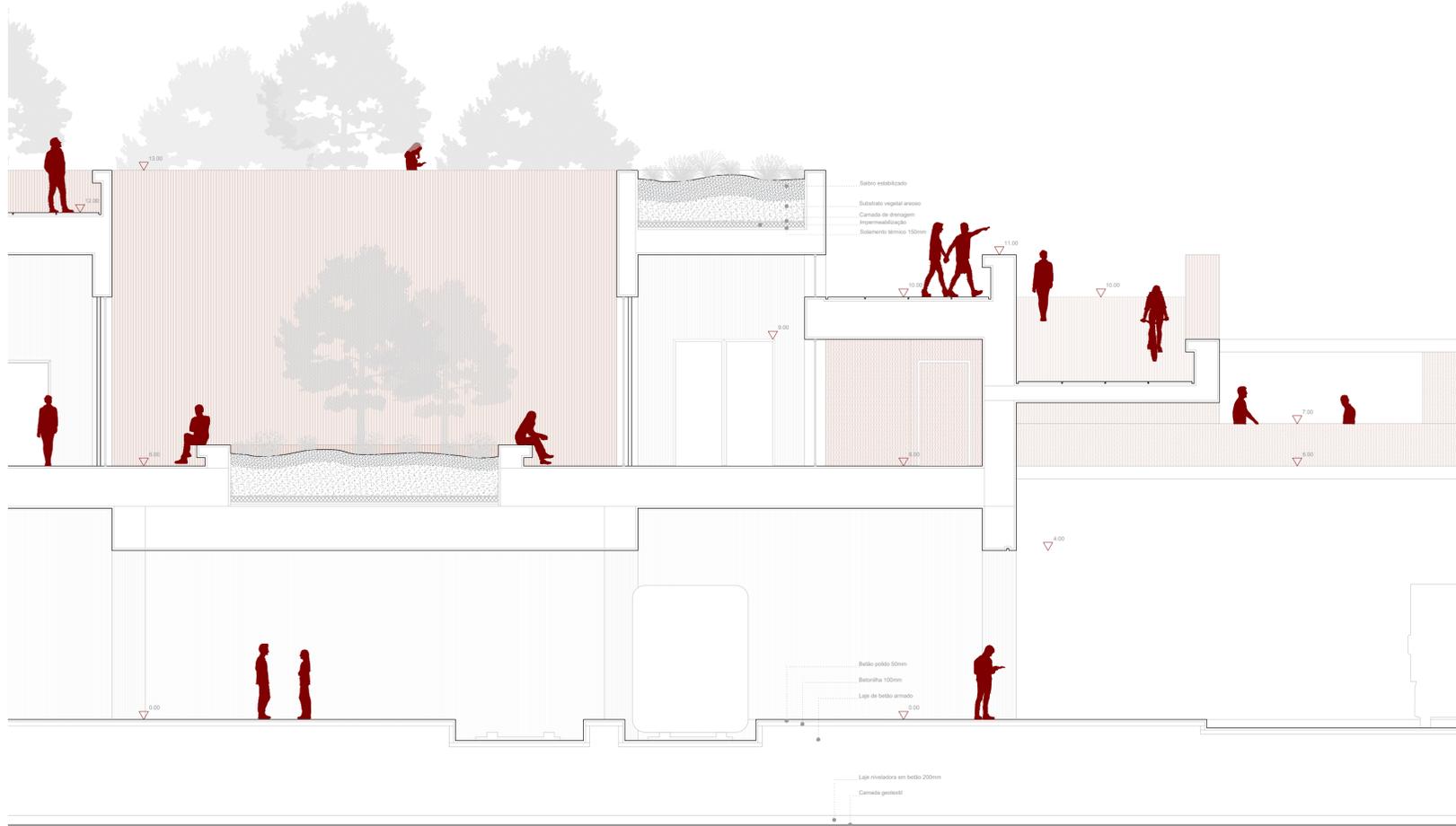
Bairro da Quarentena, Beirute



Corte Interior do Terminal

O limite como objeto de reestruturação da cidade

O espaço público como potencializador de ambientes urbanos resilientes | Bairro da Quarentena, Beirute



Fotomontagem do Terminal de Passageiros